

Comprometimento da saúde física e psicológica, no âmbito ocupacional dos docentes do Ensino Fundamental e Médio, em CIEP na cidade do Rio de Janeiro

Roberto de Almeida Guerra Peixe; Maria Célia Ferreira

RESUMO

Para a medicina do trabalho é de grande importância o diagnóstico e a prevenção de doenças ocupacionais, e podemos definir como doenças ocupacionais como sendo toda enfermidade causada pelo trabalho ou pelas condições do ambiente em que é executado. Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar a relação entre saúde física e psicológica de docentes do Ensino Fundamental e Médio de uma escola da rede pública da cidade do Rio de Janeiro. Foi aplicado um questionário contendo vinte e cinco perguntas objetivas, a fim de levantar dados referentes à saúde física e psicológica desses profissionais. Analisou-se uma amostra de quinze docentes entre homens e mulheres com idade média de 52 anos, onde foi observado que 45% desses profissionais estiveram afastados por motivos de saúde de âmbito ocupacional. Estes afastamentos apresentaram-se mais evidentes em professores do sexo feminino, no entanto todos os profissionais entrevistados afirmaram sentir algum tipo de sintoma, sendo esses inerentes ao estado de saúde atual. Por unanimidade consideraram sua profissão como algo ameaçador à sua saúde. Os dados gerados têm como objetivo alertar sobre a saúde desses profissionais, pois se sabe quão importante são eles para a educação. Com isso deve-se atentar para minimizar esses desgastes físicos e psicológicos que afligem esses profissionais.

Palavras chave: Saúde do professor. Saúde Ocupacional. Professor. Docentes do ensino fundamental e médio.

Introdução

Desde os tempos mais remotos, o trabalho esteve relacionado à sobrevivência do indivíduo ou de um grupo, ou seja, consistiu numa maneira de promover e facilitar o acesso às necessidades inerentes à vida. Após a ascensão da burguesia e a revolução industrial, passou também a ser um instrumento de promessa para o progresso social (FUNDAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2003).

A Legislação Brasileira define as doenças profissionais ou do trabalho no Decreto 2.172, de 05 de março de 1997, artigo 132, incisos I e II, e do Anexo II, equiparando-a, para todos os efeitos legais, ao acidente do trabalho. Diz ainda, no artigo 132, parágrafo 2º do Decreto 2.172, que em caso excepcional, constatando-se que uma doença não inclusa na relação constante do Anexo II resultou de condições especiais em que o trabalho é executado e com ele se relaciona diretamente, a previdência social deve equipará-la ao acidente do trabalho (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TRABALHO, 1997).

Dejours (1992), relata que a interrelação homem e organização de trabalho que executa é a origem de algo conhecido como “carga psíquica no trabalho”. Ele deixa claro, que o trabalho prazeroso, oferece geralmente vias de descargas mais ajustadas às necessidades do profissional. Ao contrário, em relação ao profissional com organização do trabalho que é angustiante, o sofrimento começa com o aparecimento do cansaço e logo os problemas de saúde vêm se tornando aparentes.

O trabalho docente é marcado pela constituição de lutas que promoveram mudanças importantes no cenário da educação, a partir da implementação e disseminação de novas ideias, que caracterizaram uma roupagem diferenciada no ensino. Porém, o cenário educativo brasileiro ainda apresenta quadro deficitário no que se refere às questões relacionadas à saúde dos professores e às condições de trabalho, formação e prática profissional docente do ensino público (MARIANO e MUNIZ, 2006).

Atualmente, os professores vivenciam um momento delicado no mundo do trabalho caracterizado por imensas mudanças e pressões que conduzem a diversas consequências, tais como o excesso de preocupação com a profissão e com a necessidade de atualizações educacionais constantes. Esses componentes, por sua vez, podem induzir queda na qualidade de

vida emocional, com aumento da pressão em nível físico e psicológico que conduzem à sintonia de *stress* intenso (MARTINS, 2007).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais entendem Educação para a Saúde como fator de promoção e proteção à saúde e estratégia para a conquista dos direitos de cidadania (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998). Saúde vai além de não ter doenças, saúde é bem estar, não somente enfermidade aparente.

O acelerado processo de globalização dos últimos anos tem configurado novas demandas no processo de formação de crianças e jovens. De acordo com Rocha (2008), a escola e, mais profundamente, os docentes experimentam o impacto destas mudanças que determinam considerável queda em sua qualidade de vida.

Mesmo com padrões de exigência de produtividade cada vez mais pontuados e incorporados às condições de manutenção do emprego, e mesmo com a real possibilidade do surgimento de doenças ocupacionais que podem culminar até na perda das capacidades profissionais, este trabalhador “precisa comportar-se” e corresponder às expectativas de seus superiores, se tiver a intenção de manter-se empregado (FIGUEIREDO e ALVÃO, 2008).

A maneira pela qual o psiquismo de cada um irá interagir com o trabalho e com os demais, decorre da personalidade e da experiência singular, ao mesmo tempo das “regras” e tradições do coletivo, que passam a fazer parte da vida mental e das ações de cada integrante do mesmo. A coesão, resultante da construção coletiva de laços de confiança e solidariedade, possui grande significado na proteção à saúde mental (MENDES, 2007).

De acordo com Figueiredo (2008), quando o corpo é sacrificado mental e fisicamente, em específico no primeiro caso, pode ocorrer um grande número de profissionais estressados, dentro do local de trabalho, podendo alcançar níveis até então desconhecidos.

Nos aspectos profissionais, o professor pode apresentar prejuízos em seu planejamento de aula, tornando-se menos assíduo e cuidadoso. Apresenta perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro. Pode também sentir-se facilmente frustrado pelos problemas ocorridos em sala de aula ou pela falta de progresso de seus alunos, desenvolvendo um grande distanciamento com relação a estes. Sentimentos de hostilidade em relação a administradores e familiares de alunos também são frequentes, bem como o desenvolvimento de visão depreciativa com relação à profissão. O profes-

sor mostra-se auto depreciativo e arrependido de sua escolha profissional, fantasiando ou planejando seriamente abandoná-la (CARLOTTO, 2002).

Segundo Martins (2007), o *stress* excessivo e seus sintomas podem deixar os professores pouco tolerantes, irritados e ansiosos, tanto no trabalho como fora dele, na família e com os amigos. Diante dessas exposições, percebemos que o *stress* surge inicialmente revestido de um componente de esforço de adaptação por parte do professor.

A carga psíquica do trabalho resulta da confrontação do desejo do trabalhador à imposição da vontade do empregador, contida na organização do trabalho. Em geral, a carga psíquica de trabalho aumenta quando a liberdade de organização do trabalho diminui, ou seja, é necessário que o trabalhador possa engajar-se na atividade negociando com esta as possibilidades de rearranjos das tarefas, tanto para dar conta do trabalho real quanto para satisfazer seus desejos e diminuir a carga psíquica do trabalho, a qual, se não encontrar formas de alívio, poderá levar ao seu esgotamento físico e/ou mental (FLEURY, 2012).

Segundo Piaget (1997), um organismo em relação a seu meio apresenta múltiplas formas de equilíbrio, desde o das posturas até a homeostase, sendo estas formas necessárias à sua vida. Trata-se então, de características intrínsecas; portanto, os desequilíbrios duradouros constituem estados patológicos, orgânicos ou mentais. A consideração dos problemas do equilíbrio é, portanto, indispensável para as explicações biológicas e psicológicas.

Para Codo (1993), saúde e doença não são fenômenos isolados que possam ser definidos em si mesmos, pois estão profundamente vinculados ao contexto socioeconômico cultural.

Até o ano de 1960, a maior parte dos trabalhadores do ensino gozavam de uma relativa segurança material, de emprego estável e de certo prestígio social. Já a partir do ano de 1970, a expansão das demandas da população por proteção social, provocou o crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos gratuitos, entre eles a educação (SOUZA *et al.*, 2003).

Muitas são as atribuições impostas ao professor, a parte de seu interesse e muitas vezes, de sua carga horária. Além das classes, deve fazer trabalhos administrativos, planejar, reciclar-se, investigar, orientar alunos e atender aos pais. Também deve organizar atividades extra-escolares, participar de reuniões de coordenação, seminários, conselhos de classe, efetuar processos de recuperação, preenchimento de relatórios periódicos e

individuais, e muitas vezes cuidar do patrimônio material, recreios e locais de refeições (MARTINS *et al.*, 2010).

A título de exemplo, em 2002, o IV Congresso Nacional de Educação registrou o déficit nacional de professores em educação básica no Brasil, pois eram necessários mais 836.731 para a educação infantil, 167.706 para o ensino fundamental e 215 mil para o ensino médio (SOUZA *et al.*, 2003). Os dados do Ministério da Educação, já em 2004, esclarecem que, somente no ensino médio, faltam na rede, para citar apenas um dos casos de insuficiência de efetivo, 23,5 mil professores de Física (MEC/INEP, 2004).

A Carta de Ottawa define promoção da saúde como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo (WHO, 1986). Assume ainda que a equidade em saúde, é um dos focos da promoção da saúde, cujas ações objetivam reduzir as diferenças no estado de saúde da população e no acesso a recursos diversos para a vida mais saudável.

Como ter ascensão nos objetivos estabelecidos para o ensino num período de pouca oferta de vagas, com salas de aula repletas de crianças e adolescentes? Quais seriam os efeitos para o professor, se, no espaço da produção do ensino, não lhe são garantidas as condições adequadas para atingir as metas que orientam as reformas educacionais recentes? Sob essas condições, o único elemento de ajuste é o trabalhador, que com seus investimentos pessoais, procura auxiliar o aluno carente comprando material escolar e restringindo o seu tempo supostamente livre para criar estratégias pedagógicas que compensem a ausência de laboratórios, de salas de informática e de bibliotecas minimamente estruturadas (NORONHA, 2001).

Com o número elevado de alunos em sala de aula, sem infra-estrutura adequada, facilita que os docentes passam a sacrificar demasiadamente sua saúde para se fazer presentes em meio aos alunos. Muitos desses passam horas em pé forçando sua postura, por não conseguirem sentar-se em meio à turma, que, em geral, é indisciplinada devido ao número elevado de discentes em sala, gerando problemas físicos e psicológicos aos professores. As queixas mais comuns dos professores relacionam-se com o uso da voz, com a postura corporal, problemas psicossomáticos e de saúde mental, agravados pela indisciplinada dos alunos e falta de reconhecimento e valorização perante a sociedade (VEDOVATO e MONTEIRO, 2008).

A Organização Internacional do Trabalho definiu as condições de trabalho para os professores ao reconhecer o lugar central que estes ocupam

na sociedade, uma vez que são os responsáveis pelo preparo do cidadão para a vida (OIT, 1984). Essas condições buscam primariamente promover a qualidade de vida profissional dos referidos docentes.

Ainda, considera-se que esses profissionais muitas vezes subestimam suas reais necessidades de saúde, o que ressalta a importância do desenvolvimento de ações de promoção da saúde e prevenção de agravos para este grupo de trabalhadores, a partir do conhecimento de suas carências (ROCHA E FERNANDES, 2008).

Objetivo Geral

Analisar o comprometimento da saúde física e psicológica dos profissionais da educação, em específico, os docentes do Ensino Fundamental e Médio de uma escola da rede pública do Rio de Janeiro.

Objetivos Específicos

Identificar o número de docentes que estiveram afastados, por problemas de saúde de âmbito ocupacional;

Descobrir o tipo de doença (física ou psicológica) que levam esses profissionais ao afastamento;

Levantar os tipos de sintomas, relatados por esses profissionais da educação;

Discutir as relações entre saúde física e psicológica com a atividade de trabalho de docentes do ensino fundamental e médio;

Verificar o estado motivacional desses profissionais da educação.

Metodologia

O referido trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido no Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa, no Município de Nilópolis, no Estado do Rio de Janeiro; utilizou-se como instrumento de avaliação um questionário contendo vinte e cinco perguntas objetivas de caráter investigativo, que foi aplicado aos docentes de diversas disciplinas do Ensino Fundamental

e Médio, dentre eles homens e mulheres, com idade entre vinte e acima de sessenta anos, a fim de elucidar quanto ao número de professores que estiveram afastados de suas atividades profissionais, devido doenças adquiridas no exercício de sua profissão, a fim de contabilizá-los e discuti-los.

Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema saúde ocupacional, em base de dados: PubMed, Scielo, Periódicos Capes, utilizando as palavras-chaves: “saúde ocupacional, morbidades de docentes, saúde do professor, saúde do docente”.

Resultados

Foi aplicado aos docentes do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino, em específico no Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa, situado no Estado do Rio de Janeiro, um questionário contendo 25 perguntas, a fim de elucidar a quantidade de docentes que ficaram afastados por motivos de saúde de âmbito ocupacional durante algum momento de sua vida profissional.

Foram entrevistados quinze docentes com idade média de $52,3 \pm 9,6$ anos, sendo sete homens (idade $51,9 \pm 10,31$ anos) e oito mulheres (idade $51,9 \pm 9,9$ anos), (Figura 1).

Dentre eles, três eram solteiros (20%), dez eram casados (65%) e dois eram separados (15%), como visto na (Figura 2).

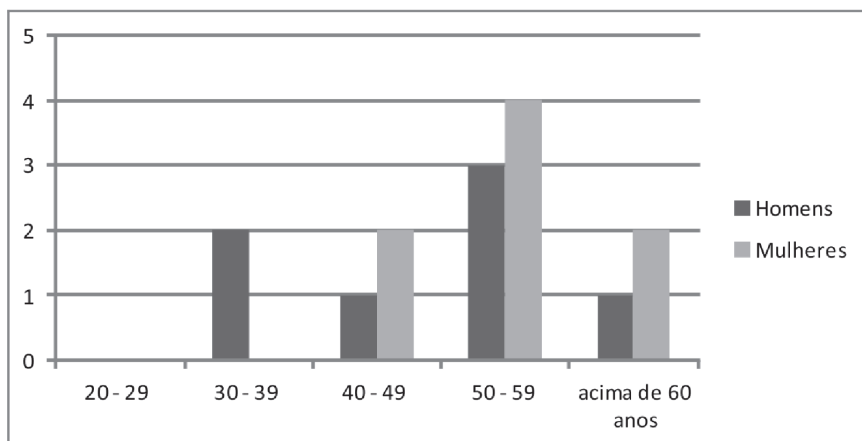


Figura 1 - Idade (anos) dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Dos docentes entrevistados, 80% possuem filhos e 20% não possuem (Figura 3).

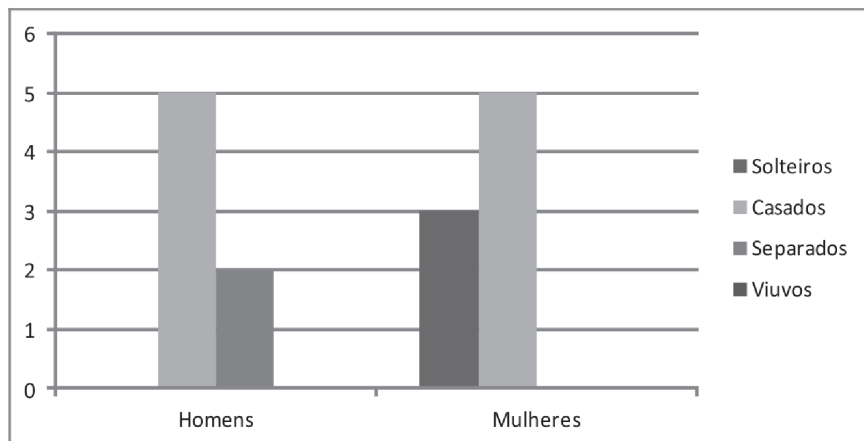


Figura 2 - Estado civil dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Observamos que 45% desses professores realizam algum tipo de atividade física, em contrapartida 55% são sedentários, não realizando nenhum tipo de atividade física (Figura 4).

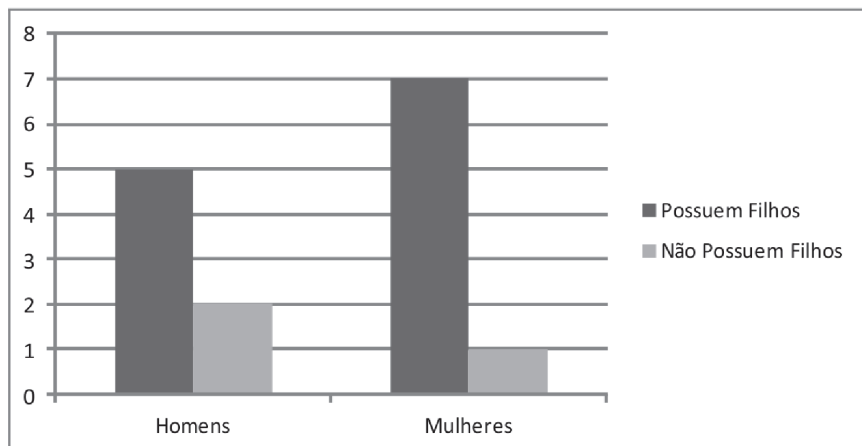


Figura 3 - Constituição familiar em relação à presença de filhos dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Dos docentes entrevistados, 55% possuem mais de 20 anos de magistério, os outros 45% variam entre 1 a 20 anos de magistério (Figura 5).

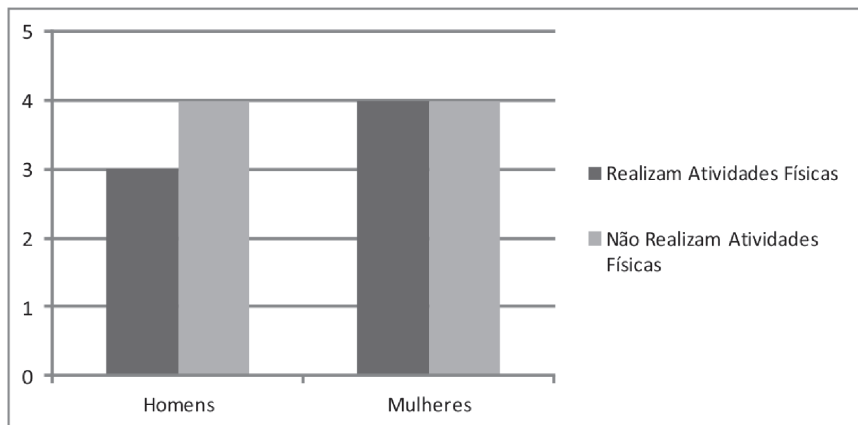


Figura 4 - Realização de atividades físicas dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Docentes de diferentes disciplinas participaram deste trabalho, entre elas: Biologia (6), Sociologia (1), Letras (3), Geografia (2), Educação Física (1) e Matemática (2), (Figura 6).

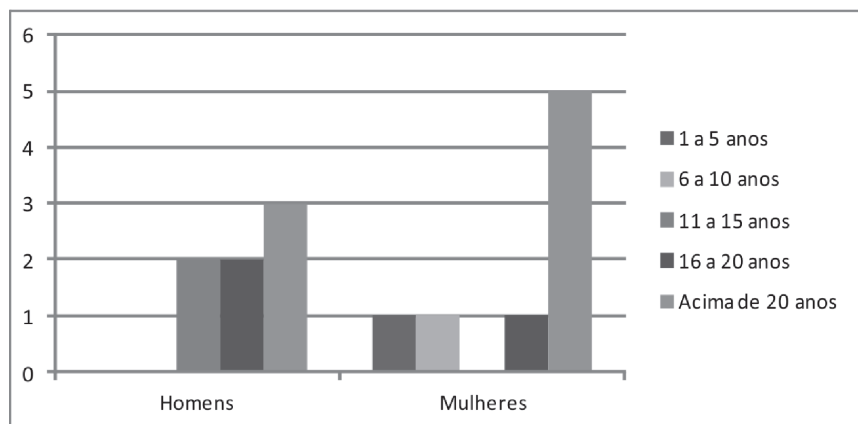


Figura 5 - Tempo de magistério dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Em relação ao número de escolas onde lecionam, observa-se que 33% desses profissionais trabalham somente em uma escola, 26% em duas escolas, 33% em três escolas e 8% em cinco escolas (Figura 7).

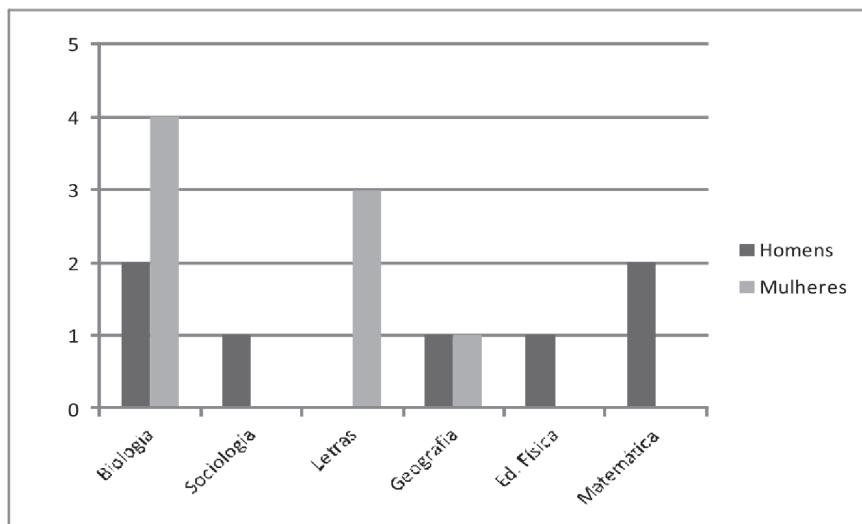


Figura 6 - Disciplinas ministradas pelos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Porém, 55% lecionam para o Ensino Fundamental e Médio, 30% para o Ensino Médio e 15% para o Ensino Fundamental (Figura 8).

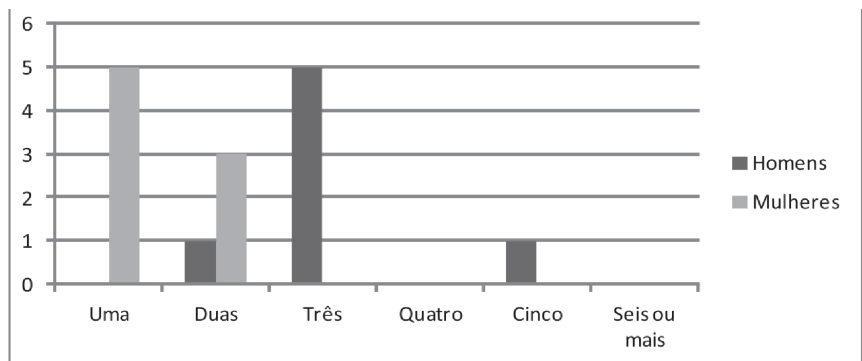


Figura 7 - Número de escolas que trabalham os docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

A carga horária desses profissionais varia entre 8 e 51h semanais (Figura 9).

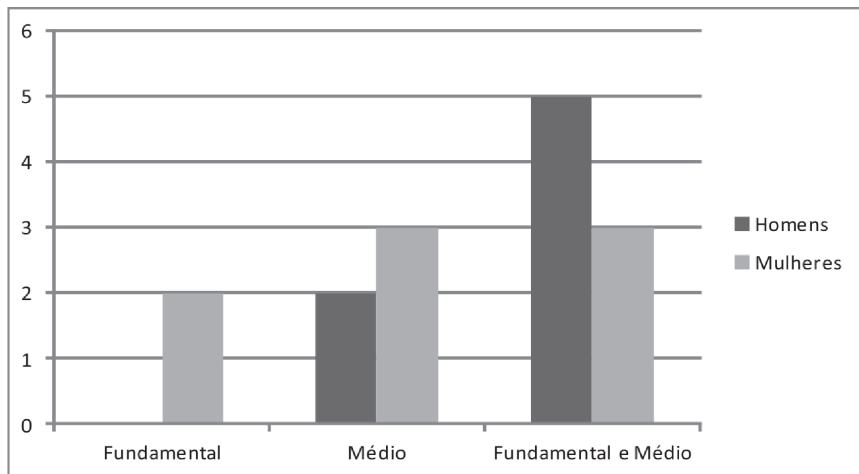


Figura 8 - Níveis de ensino para o qual lecionam os docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Quanto às relações interprofissionais dos docentes, foi observado que 95% dos entrevistados, consideram sua relação com seus colegas de trabalho favorável e 5% consideram essa relação desfavorável (Figura 10).

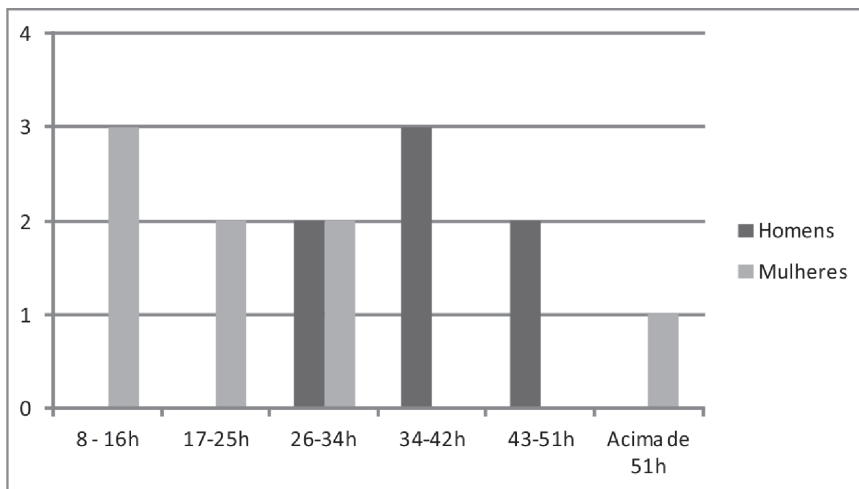


Figura 9 - Horas aula, semanais dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Da mesma forma, a maioria (90%) dos docentes consideram sua relação com seus alunos favoráveis, 5% consideram desfavoráveis e 5% consideram essa relação indiferente (Figura 11).

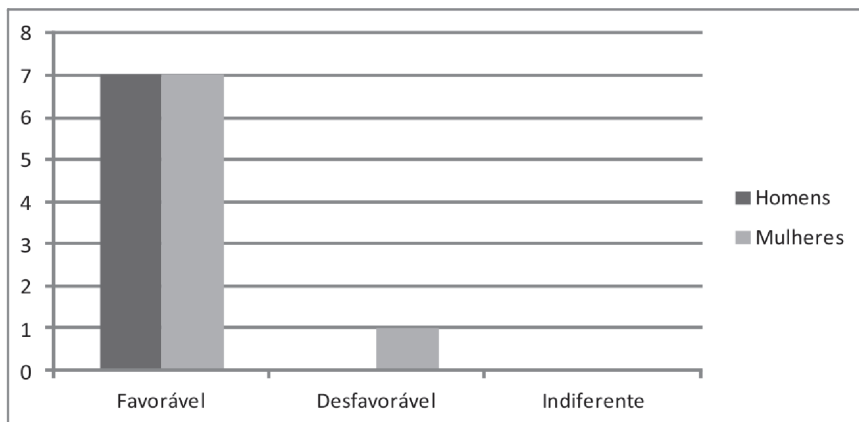


Figura 10 - Opinião dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa em relação ao relacionamento entre os docentes.

Foi identificado que 75% dos professores entrevistados afirmaram que durante algum tempo ficaram afastados do trabalho por motivos de saúde, entretanto 25% declararam que nunca ficaram afastados do trabalho por motivos de saúde (Figura 12).

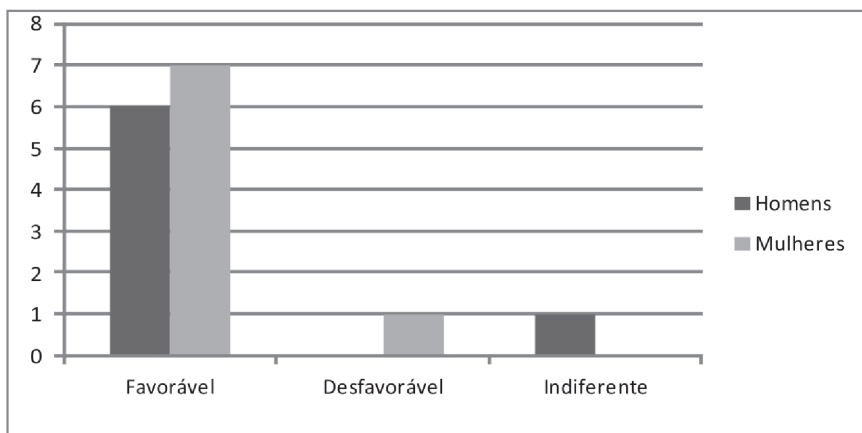


Figura 11 - Opinião dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa em relação ao relacionamento entre docentes e alunos.

Dos que afirmam já terem se afastado por motivo de saúde, 65% deles afirmam que esse afastamento se deu por motivos de saúde de âmbito ocupacional (sendo 6 professores do sexo feminino e 1 professor do sexo masculino), já 35% afirmaram que esses afastamentos ocorreram por motivos não relacionados ao âmbito ocupacional (Figura 13).

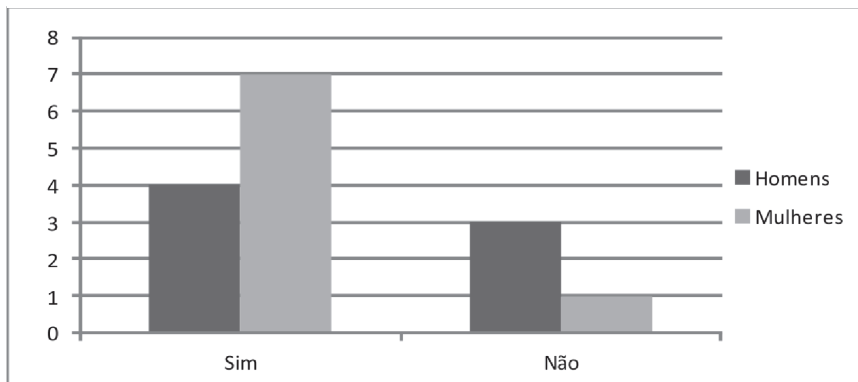


Figura 12 - Afastamentos do trabalho por motivos de saúde dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Dos sete professores afastados por motivos de saúde de âmbito ocupacional, seis eram do sexo feminino, quatro delas ficaram afastadas entre 1 a 3 vezes, uma professora ficou entre 7 a 10 vezes e outra afirmou ter ficado afastada mais de 11 vezes, o único professor do sexo masculino ficou afastado entre 1 e 3 vezes (Figura 14).

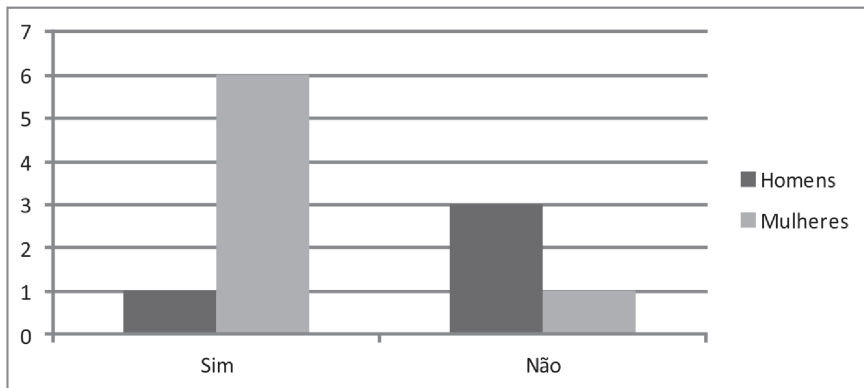


Figura 13 - Afastamentos por motivos de saúde de âmbito ocupacional dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Dos professores afastados por doença de âmbito ocupacional, um ficou afastado no período de 15 dias a 3 meses, um deles no período de 3 a 6 meses, dois deles ficaram afastados no período de 6 meses a 1 ano, e três deles ficaram afastados no período de 1 a 3 anos (Figura 15).

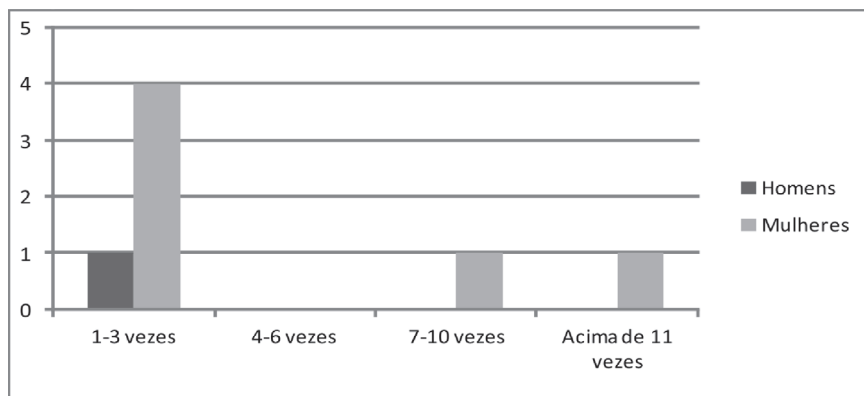


Figura 14 - Números de vezes de afastamentos por motivo de saúde de âmbito ocupacional dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Em relação aos professores afastados por motivos de saúde de âmbito ocupacional, 40% alegaram ter sido por doenças psicológicas, 30% alegaram ter sido por doenças físicas e 30% alegaram ter sido por doenças físicas e psicológicas (Figura 16).

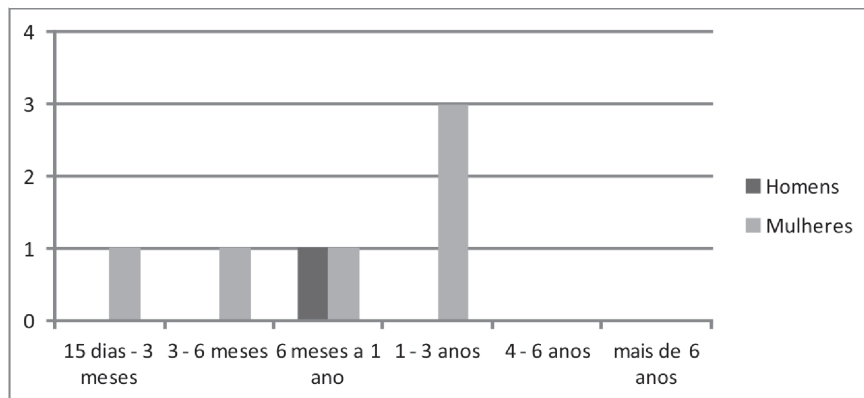


Figura 15 - Número de dias de afastamentos por motivo de saúde de âmbito ocupacional dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Esses mesmos professores, 45% deles informaram que fazem algum tipo de tratamento de saúde e 55% informaram que não fazem qualquer tipo de tratamento (Figura 17).

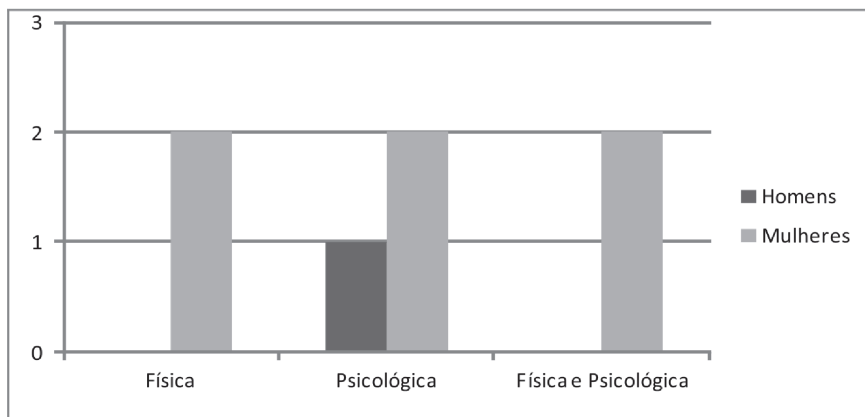


Figura 16 - Tipo de doenças que levaram ao afastamento por motivos de saúde de âmbito ocupacional dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Todos esses professores que ficaram afastados por motivos de saúde de âmbito ocupacional, alegaram sentir diversos sintomas, devido seu estado de saúde atual (Figura 18).

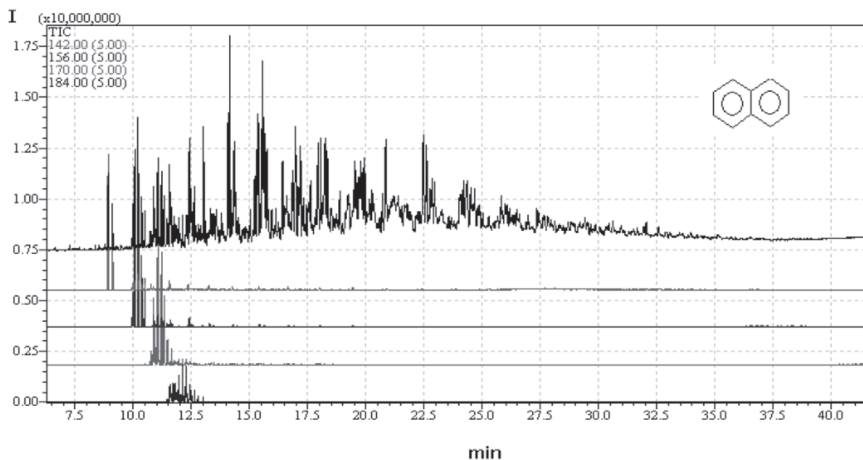


Figura 17 - Realização de tratamentos de saúde dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Os sintomas relatados por eles foram: ansiedade, dores de cabeça, dores de garganta, dores musculares, dificuldade de concentração, hipertensão, irritabilidade, palpitações e outros sintomas (Figura 19).

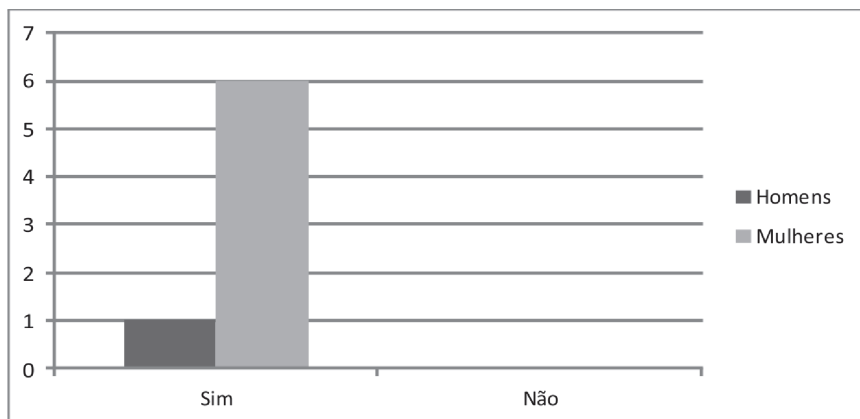


Figura 18 - Presença de sintomas devido à saúde atual dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

De todos os professores entrevistados, 60% se sentem motivados para realizar suas atividades profissionais, já 40% afirmaram se sentirem desmotivados para realizar suas atividades profissionais (Figura 20).

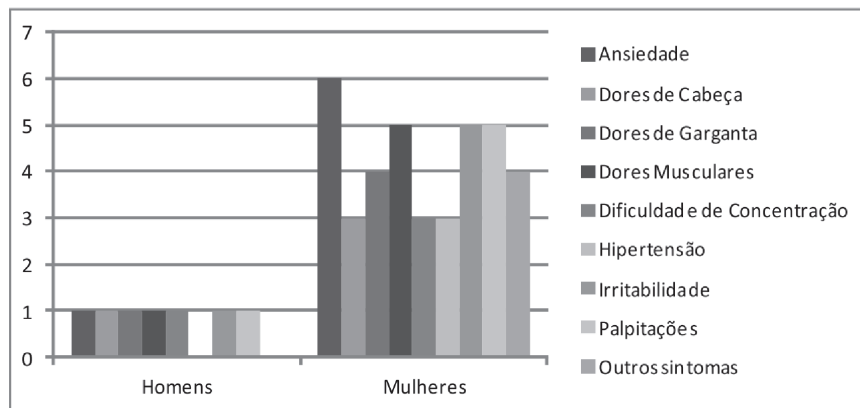


Figura 19 - Tipos de sintomas dos docentes que estiveram afastados por motivos de saúde de âmbito ocupacional, entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Todos os professores entrevistados consideraram seu trabalho como algo ameaçador à sua saúde, sendo ela física ou psicológica (Figura 21).

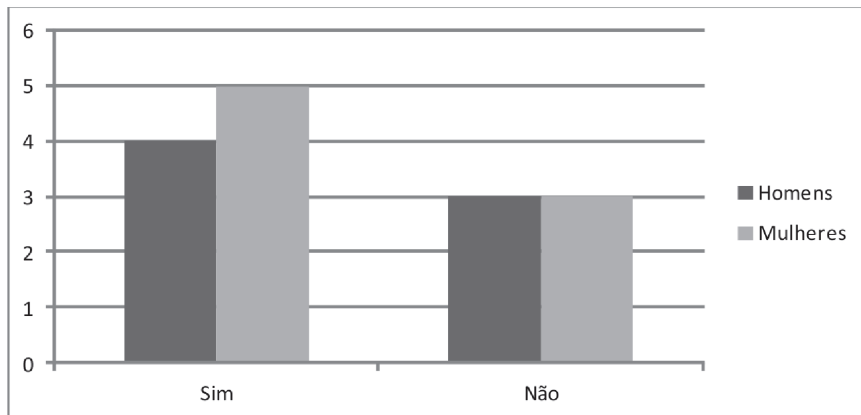


Figura 20 - Motivação ao exercer a profissão dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Constatou-se que 55% desses profissionais sentem ou já sentiram vontade de desistir da sua profissão, devido aos problemas de saúde que sua profissão pode oferecer, já 45% nunca sentiram vontade de desistir de sua profissão (Figura 22).

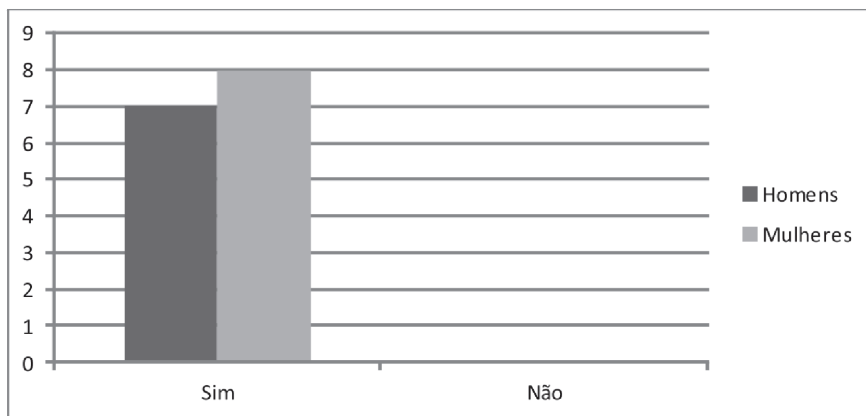


Figura 21 - Consideração do trabalho como algo ameaçador para a saúde, seja ela física ou psicológica dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Por fim, 40% deles afirmaram se sentir realizado profissionalmente e 60% afirmaram não se sentir realizado profissionalmente (Figura 23).

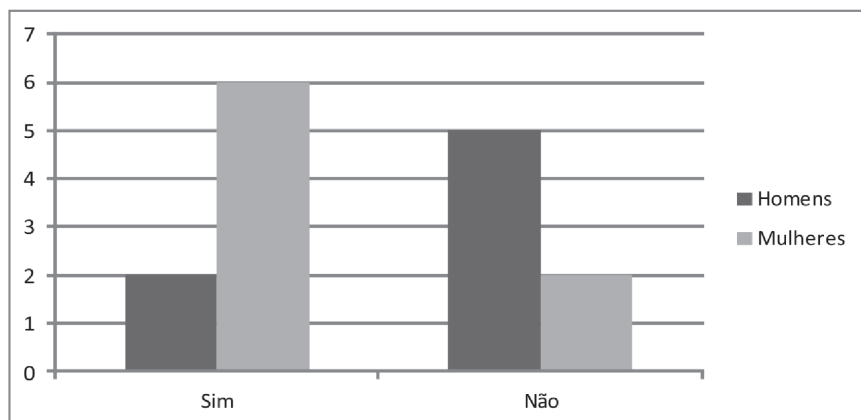


Figura 22 - Desejo de desistir da profissão, dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa.

Discussão

Nos dias atuais, grande número de docentes do Ensino Fundamental e Médio estão se afastando de suas atividades devido a problemas

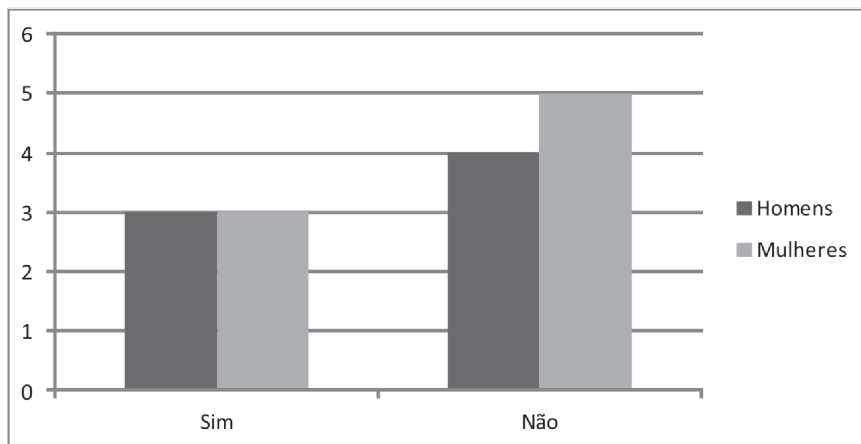


Figura 23 - Realização profissional dos docentes entrevistados do Ciep Brizolão 389 Haroldo Barbosa, ao exercer suas atividades profissionais.

de saúde, muitos desses adquiridos através dos altos índices de *stress* que sua atividade profissional oferece, muitas vezes isso ocorre devido à indisciplina de alunos ou até mesmo da má qualidade de trabalho ofertada pelas instituições de ensino, com salas de aula lotadas e infraestrutura inadequada.

Entrevistaram-se quinze professores do CIEP Brizolão 389 Haroldo Barboza, no município de Nilópolis – RJ, dentre eles, sete do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idade média de 52 anos para ambos os sexos, entre eles 65% casados (homens e mulheres), 80% dos entrevistados possuem filhos.

Desta pequena amostra de servidores, 55% dos entrevistados não realizam algum tipo de atividade física, podendo ser considerados sedentários. Devido ao sedentarismo, as chances de desencadear algum problema de saúde tornam-se maiores. Sabe-se que a manutenção e a prática de atividades físicas auxiliam ao relaxamento e a prevenção de diversas doenças. Para Dias (1994), a atividade física realizada antes de se iniciar o trabalho, aquecendo e despertando o funcionário, tem por objetivo prevenir acidentes de trabalho, distensões musculares e doenças ocupacionais. De acordo com Tamayo (2001), em sua investigação sobre o impacto das prioridades axiológicas, do gênero e da atividade física regular sobre o *stress* no trabalho, a pesquisa revelou que a atividade física regular tem impacto sobre o *stress* ocupacional, isto é, o nível de estresse é superior para aqueles que não praticam atividade física regularmente. Dessa forma, a atividade física pode ser um mecanismo de enfrentamento para minimizar os eventos estressantes na escola, caracterizada como variável relacionada à atividade cotidiana do professor.

Foi observado que 67% dos docentes entrevistados trabalham entre duas e seis escolas durante a semana, a carga horária de trabalho varia entre 8h e 51h semanais. Devido ao baixo salário da categoria, muitos docentes necessitam de trabalhar em diversas escolas durante a semana, fazendo com que esses profissionais tenham que conciliar seus horários da melhor forma. Com isso, ocorre uma sobrecarga de trabalho, facilitando o aparecimento de enfermidades inerentes à sua profissão, onde muitas são diagnosticadas e tratadas, porém outras levam esses profissionais ao afastamento de suas atividades de trabalho. Lembrando que o ofício do professor não se restringe ao exercício de suas funções em sala, exige atualização e preparação constantes para ser realizado de modo satisfatório. Muitas tarefas são realizadas sem a presença dos alunos, fora da sala de aula e frequentemente fora da escola, estendendo, assim, a jornada de trabalho. Quando o professor ministra aulas

em diversas turmas, para alunos em níveis de ensino diferentes, escolas e turnos diferentes, a preparação das aulas requerer múltiplos planejamentos, gerando maior investimento de tempo, dedicação, esforço intelectual e físico. Alguns estudos foram feitos para analisar a saúde dos professores, a título de exemplo, Neto *et al.* (2000), estudaram o perfil de professores de 58 escolas da rede particular de ensino de Salvador (Bahia). Os resultados de seus estudos descrevem uma população cuja média de idade é de 35 anos, sendo 75% mulheres e, em sua maioria, casadas. Chama atenção o duplo vínculo de trabalho com escola pública (20%), sendo o número médio de aulas por semana de 25 horas; sendo inferior ao encontrado em nosso estudo, mostrando assim o excessivo período de trabalho destes profissionais e uma possível associação com o nível de saúde física e psicológica dos mesmos.

Dos professores entrevistados, 95% consideraram favorável sua relação com seus colegas de trabalho. Segundo Neto *et al.* (2000), em seu trabalho ressaltam os aspectos positivos do trabalho mencionados pelos professores, que destacam a boa relação com os colegas, a autonomia de planejamento, a satisfação no desempenho das atividades e a existência de banheiro privativo e existência de espaço para descanso.

De acordo com os entrevistados, 90% consideraram favorável sua relação com seus alunos. Entretanto, estudo realizado em 2007, com 2.133 professoras da rede municipal de Ensino Fundamental de Belo Horizonte - Minas Gerais, identificou problemas como menor criatividade no trabalho e relacionamento ruim com os alunos associados a uma pior qualidade de vida relacionada à voz no domínio social, emocional e físico (JARDIM *et al.*, 2007). Conforme estudos, a partir do relato de professores da rede pública do Município de João Pessoa – Paraíba, observou-se que a relação entre professor e alunos é ambígua, pois da mesma forma que se indica como fonte de sofrimento, a mesma é indicada como fonte de prazer. O mesmo estudo observou que a vivência do prazer no trabalho se apresenta como o único meio viável de enfrentar o sofrimento presente na situação de trabalho (MARIANO & MUNIZ, 2006).

De acordo com os docentes entrevistados, 75% afirmam que durante algum momento de sua vida profissional estiveram afastados por motivos de saúde. Entretanto, 65% desses profissionais que estiveram afastados, relataram que este afastamento se deu por motivos de saúde de âmbito ocupacional. Registrou-se também, que o número de afastados apresentou-se mais evidente em professores do sexo feminino (seis professores do sexo

feminino e um professor do sexo masculino). De acordo com Mariano e Muniz (2006), saúde e doença estão presentes no cotidiano da sociedade, que muitas vezes não se dá conta de como se processa essa relação dinâmica entre uma e outra. Segundo eles, alguns professores alegam que após terem ingressado na atividade docente, tiveram algumas complicações em sua saúde e atribuem o motivo de seus adoecimentos às pressões vivenciadas no exercício do magistério. Zaragoza (1999), durante o período de 1982 a 1989, observou a evolução da saúde e contabilizou as licenças médicas oficiais dos professores de ensino não universitário de Málaga e concluiu que, no período de sete anos, o número de professores em licença médica triplicou.

Sobre os professores afastados por motivos de saúde de âmbito ocupacional, 40% alegaram ter sido por doenças psicológicas, 30% alegaram ter sido por doenças físicas e 30% alegaram ter sido por doenças físicas e psicológicas. Muitas vezes o profissional da educação, neste caso o professor, acaba tendo um desequilíbrio emocional ou até mesmo físico, vindo desencadear diversos problemas de saúde, prejudicando-o no âmbito profissional.

Foi identificado também que 45% dos professores que ficaram afastados por motivos de saúde de âmbito ocupacional, alegam fazer algum tipo de tratamento de saúde, os mesmos apontam sentir diversos sintomas, tais como: ansiedade, dores de cabeça, dores de garganta, dores musculares, dificuldades de concentração e hipertensão, entre outras. Delcor *et al.* (2004), realizaram um estudo com um grupo de professores do pré-escolar ao ensino médio, de uma rede particular de ensino na cidade de Vitória da Conquista – Bahia, onde os resultados apontaram diversas queixas relacionadas ao estado de saúde dos mesmos. Os seguintes sintomas relatados por esses professores foram: cansaço mental (60%), dor nos braços e ombros (52%), dor nas costas (51%), formigamento nas pernas (47%), dor na garganta (46%) e rouquidão (60%). Segundo pesquisa realizada por Neto *et al.* (2000), as queixas de saúde mais citadas pelos professores foram: dor na garganta, dor nas pernas e costas, rouquidão e cansaço mental. Em estudo, Siqueira e Ferreira (2003) encontraram resultados semelhantes, com o objetivo de investigar o absenteísmo docente no Ensino Fundamental. As autoras estudaram as professoras das séries iniciais da rede pública de ensino da cidade de Florianópolis – Santa Catarina, por meio da análise dos prontuários dos docentes que se afastaram do trabalho para tratamento de saúde, constatou-se, que as causas mais frequentes geradoras desses afastamentos foram em ordem decrescente: as doenças do aparelho respiratório,

os problemas do aparelho locomotor, os problemas de saúde na família e problemas psicológicos e/ ou psiquiátricos. Embora no estudo citado os transtornos psíquicos ocupem o quarto lugar nas causas de afastamento do trabalho em docentes, ainda assim se encontram entre os mais prevalentes, bem como os problemas respiratórios e do aparelho locomotor.

Quarenta por cento dos professores entrevistados alegam sentir desmotivados em realizar suas atividades profissionais. O resultado pode ser relacionado a várias causas, pois muitas vezes a escola não oferta meios pedagógicos favoráveis à realização das atividades de docência, fazendo com que o professor busque por seus próprios meios sua requalificação, ocorrendo o aumento da jornada de trabalho de maneira informal, não gerando reconhecimento para os mesmos e muito menos remuneração. Codo (1999) estudou uma amostra de quase 39 mil trabalhadores em educação em todo o país e identificou que 32% dos indivíduos apresentavam baixo envolvimento emocional com a tarefa, 25% se encontravam com exaustão emocional e 11% com quadro de despersonalização, podendo-se dizer, em termos práticos, que 48% da população estudada apresentava Síndrome de *Burnout*, “síndrome do esgotamento profissional”.

De acordo com nossa pesquisa, todos os professores consideram seu trabalho como algo ameaçador à sua saúde, sendo ela física ou psicológica. Devido a isso e outras dificuldades, 55% dos profissionais entrevistados sentem ou já sentiram vontade de desistir da sua profissão. Os docentes ao se afastarem de suas atividades, acabam muitas vezes não retornando mais à sala de aula, devido não se sentir confiante em retornar ao seu ofício, fazendo com que esses profissionais fiquem desmotivados. Para Miranda (1998), a doença do trabalho é aquela adquirida ou desencadeada em função das condições especiais em que o trabalho é realizado e com ele se relaciona diretamente. Dentre as dificuldades e pressões vivenciadas como propiciadoras de tensão existentes no trabalho das docentes, fica evidenciada a atenção para as seguintes: sobrecarga de trabalho, ausência de material e recursos didáticos (condições de trabalho), clientela assistida (superlotação), não reconhecimento da parte do aluno e desvalorização do magistério, também verificados nos estudos de Neves (1999) e Esteves (1999).

Devido às dificuldades para a realização plena de suas atividades trabalhistas, 60% dos docentes entrevistados afirmam não sentir realizado profissionalmente. Os mesmos possuem sentimentos de frustração em não poder exercer temporariamente ou permanentemente suas atividades que

tanto planejaram durante sua vida acadêmica. Com a falta de investimento público para a contratação de professores e funcionários na rede pública, alguns profissionais da educação necessitam desempenhar atividades paralelas ao ensino, para suprir essas lacunas, gerando uma sobrecarga e consequentemente um desgaste na saúde dos mesmos. Segundo pesquisa de Mariano e Muniz (2006), os professores apontam ainda para a questão da desvalorização do magistério, revelada a partir das políticas atuais da educação, que não contemplam as necessidades reais do universo escolar, e a falta de incentivo do governo em investir cada vez mais na qualidade do ensino público e na valorização do trabalho docente. Os professores ressaltam que os baixos salários refletem a ausência da valorização e de reconhecimento de seu trabalho, como também se queixam que há uma desvalorização de sua atividade, pois os salários que são pagos à categoria não correspondem às suas reais necessidades e principalmente apresentam discrepância com relação aos custos e esforços exigidos na efetivação das suas atividades. No estudo de Batista *et al.* (2010), realizado com professores do Ensino Fundamental das escolas municipais de João Pessoa – Paraíba, evidenciou-se que 43,4% dos entrevistados apresentaram baixo nível de realização profissional. Segundo Silveira *et al.* (2011), o professor enfrenta diversas dificuldades dentro e fora da sala de aula, dificuldades inerentes à sua profissão e aos contextos institucionais também ligados ao modelo educacional perpetuado no país. Com isto, o docente que sobretudo trabalha na rede pública de ensino, deve estar cada vez mais consciente das suas condições de trabalho, a fim de assegurar uma melhor Qualidade de Vida.

Conclusão

De acordo com os resultados obtidos, concluiu-se que os mesmos estão subestimados devido às condições de stress e desgastes físicos, inerentes as atividades de trabalho desses profissionais, deixando-os suscetíveis a problemas de saúde.

Os professores, além de ter a função de ensinar e transmitir conhecimentos a seus alunos, também desempenham outras funções fora da sala de aula, como: conselhos de classes, reuniões com pais de alunos, elaboração de provas e trabalhos, entre outros. Este conjunto de responsabilidades gera um grande acúmulo de atividades sob sua administração, fazendo com que

estes profissionais se dediquem às suas atividades de trabalho de maneira demasiada.

Devido a pressões psicológicas impostas pelas instituições de ensino, ou até mesmo pelos discentes, com a indisciplina, o professor pode desencadear problemas psicológicos e/ou problemas físicos com a exaustão profissional.

Com baixos salários e a desvalorização da categoria, os professores necessitam trabalhar em diversas escolas para conseguirem alcançar um padrão salarial melhor, fazendo com que sua carga horária de trabalho seja discrepante, em relação a outras profissões. Com isso, seu tempo para descanso e atualizações profissionais se torna limitado, deixando esses profissionais cada vez mais desmotivados e exauridos para exercer com plenitude sua profissão.

O presente trabalho ficou limitado a uma única escola, porém com análise de vários professores envolvidos na pesquisa. Desta forma, os resultados obtidos permitiram a reflexão sobre o tema saúde ocupacional dos professores, onde se sabe o quão importante são esses profissionais para a educação brasileira. Entretanto, é necessário diversas discussões relacionado a este assunto, a fim de gerar intervenções governamentais para a valorização e incentivos à essa classe profissional que é acometida por diversas falhas na Política Pública.

Acredita-se que este trabalho tenha sido relevante e que possa servir de base em futuras pesquisas mais aprofundadas relacionadas ao tema proposto.

Referências

BATISTA, J. B. V. *et al.* **Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB.** Revista Brasileira de Epidemiologia. Vol. 13, nº 3, 2010. 502-512 p.

CARLOTTO, Mary Sandra. **A síndrome de *Burnout* e o trabalho docente.** Psicologia em Estudo, vol. 7, n. 1, Ribeirão Preto, 2005.

CODO, W. (Org.) **Educação: carinho e trabalho.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, W. *et al.* **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** 5 ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DEJOURS, C. ABDOUCHELI, E. JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho.** Tradução de Maria Irene Stocco Betiol et al. São Paulo: Atlas, 2009.

DELCOR, N. S. *et al.* **Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, jan.-fev. 2004. 187-196 p.

DIAS M. F. M. G. **Ginástica laboral: empresas gaúchas têm bons resultados com a ginástica antes do trabalho.**1994.

ESTEVE, J. M. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, SP: EDUSC,1999.

FIGUEIREDO, F; Alvão, C.; **Ginástica laboral e ergonomia.** Rio de Janeiro. Sprint, 2. ed. 2008.

FLEURY, A. **O mal estar docente para além da modernidade: uma análise psicodinâmica.** Ano 5, vol. 9, n. 2, 2012. 225 p.

FUNDAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Relatório da situação da infância e adolescência brasileira: diversidade e equida-**

de. Pela Garantia dos direitos de cada criança e adolescente. Brasília: UNICEF; 2003.

GOMES, L. **Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites.** Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002

JARDIM, R.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. **Condições de trabalho, qualidade de vida e disфонia entre docentes.** Cadernos de Saúde Pública. Vol. 23, nº 10, 2007. 24392461 p.

MARIANO, M.; MUNIZ, H.; **Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental.** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, Maria das Graças Teles. **Sintomas de stress e professores brasileiros.** Revista Lusófona de Educação, v.10, 2007. 109-128 p.

MARTINS, S. R.; MORAES, R. D; LIMA, S. C. C. **Sofrimento, defesa e patologia: a abordagem da psicodinâmica acerca da violência no trabalho Em: A. M. MENDES (org.). Violência no trabalho: perspectivas da psicodinâmica, da ergonomia e da sociologia clínica.**São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. 19-39 p.

MENDES, R. **Patologia do Trabalho** – Editora Atheneu, vol. 2, 2007. 1159 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **O déficit de professores no país.** Disponível em: portaldoprofessor.inep.gov.br/estatisticas.jsp, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, vol.9, 1998.

MIRANDA, C. R. **Introdução à saúde no trabalho.** São Paulo: Editora Atheneu, 1998.

NETO, A. M. S. *et al.* **Condições de trabalho e saúde de professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia.** Revista Baiana de Saúde Pública, vol. 24. nº 1/2, jan/dez. 2000. 42-56 p.

NEVES, M. Y. **Trabalho docente e saúde mental: a dor e delícia de ser (tornar-se) professora.** 1999. 277f. Tese (Doutorado em Saúde Mental), Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NORONHA, M. M. B. **Condições do exercício profissional da professora e dos possíveis efeitos sobre a saúde: estudo de casos das professoras do ensino fundamental em uma escola pública de Montes Claros, Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado) Faculdade de Medicina da UFMG. Belo Horizonte, 2001. 157 p.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores.** Genebra: OIT/ Unesco, 1984.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** vol. 22, 1997. 88 p.

ROCHA, V. M.; FERNANDES, M. H. **Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador.** *Jornal Brasileiro de Psiquiatria.* Vol. 57, nº 1, 2008. 23-27p.

SILVEIRA, R. E. *et al.* **Qualidade de vida de docentes do ensino fundamental de um município brasileiro.** *Revista de Enfermagem Referência,* 3ª Série, nº 4, 2011. 121 p.

SIQUEIRA, M. J. T.; FERREIRA, E. S. **Saúde das professoras das séries iniciais; o que o gênero tem a ver com isso?** *Psicologia Ciência e Profissão,* vol. 23, n. 3, 2003. 76-83 p.

SOUZA, K. R. *et al.* **Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) na luta pela saúde no trabalho.** *Ciência e Saúde,* vol. 8, nº 4, 2003. 1057-1068 p.

TAMAYO, A. **Valores e clima organizacional.** In: PAZ, M. G. T.; TAMAYO, A. (Ed.). *Escola, saúde e trabalho: estudos psicológicos.* Brasília: Editora da UnB, 1999.

WHO 1986. Carta de Ottawa, In Ministério da Saúde/FIOCRUZ. **Promoção da Saúde: Cartas de Ottawa, Adelaide, Sundsvall e Santa Fé de Bogotá.** Ministério da Saúde/IEC, Brasília, 1986. 11-18 p.

VEDOVATO, T. G.; MONTEIRO, M. I. **Perfil sóciodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas.** Revista da Escola de Enfermagem da USP. Vol. 42, nº 2, 2008. 290-297 p.

ZARAGOZA, J. M. E. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3. ed., Bauru: Edusc, 1999.